O Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 4 de Junho de 1977 * Ano XXXIV — N.º 867 — Preço 2$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo * Director: Padre Luiz

Calvário

Ser sinal de contradição é marca que o Evangelho impõe a quem O deseja traduzir no viver e no agir.

Ora, porque só a força do mesmo Evangelho nos faz andar há largos anos na procura e na ajuda ao Doente incurável, ao Doente que não tem lugar na família e na sociedade ou, se tem, é em quartos isolados ou recantos escondidos, naturalmente que somos sinal de contradição.

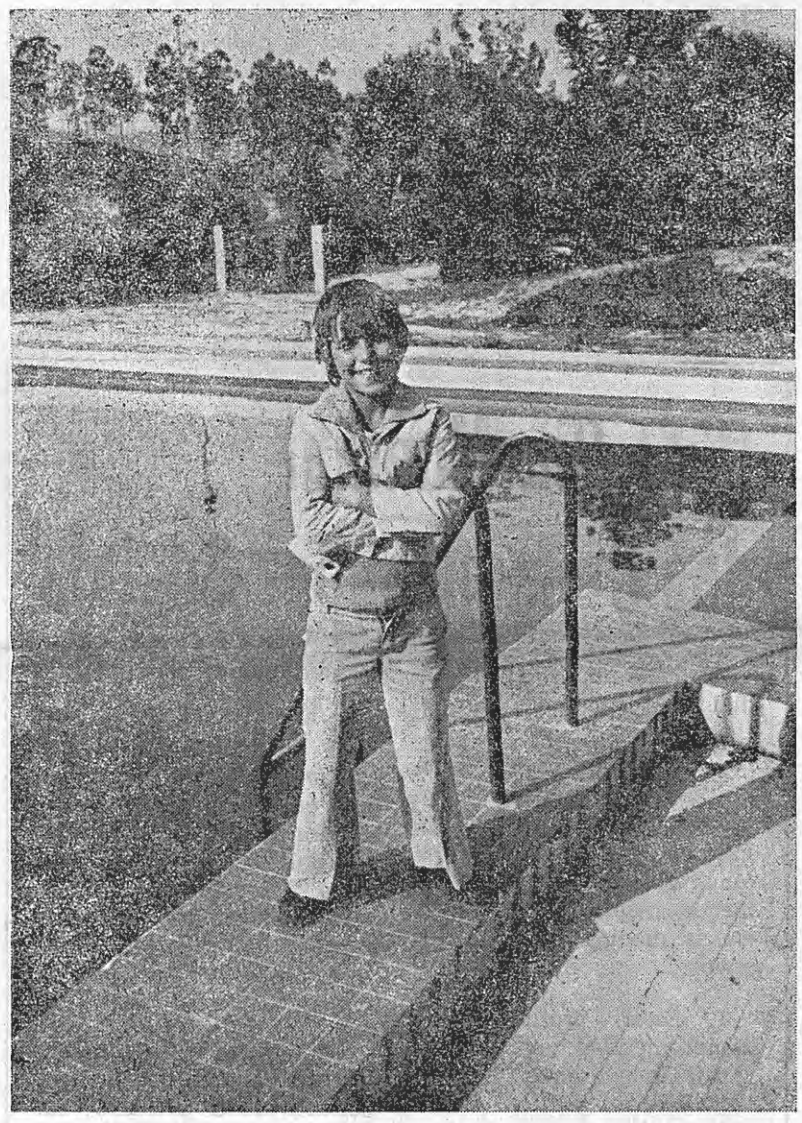
Ontem mesmo esteve aqui de visita um grupo de técnicos hospitalares. Partindo de suposto errado, ou seja, pensando que o Calvário é, ou deve ser um hospital, certamente que seria inevitável um escândalo tudo isto. E por isso fizeram um barulho infernal. «Isto não pode continuar assim.» E todos os pequenos quês, desde as lacunas às imperfeições, lhes serviam para bombo da festa. «Isto não pode continuar assim.» É pena que não tenham entendido que isto é muito simplesmente uma casa de família, naturalmente com uma dimensão fora do normal, para aqueles que não têm família ou são desprezados por ela porque Doentes sem cura.

E como não chegasse o arraial dentro de nossos muros, há que levar para o ar o escândalo. Houve muita gente que cuviu o rescaldo no seu aparelho receptor.

Porém, ontem mesmo entra também pela nossa porta dentro um casal. O marido é igualmente técnico de saúde, embora num escalão mais alto, porque docente. Este casal vinha já com outros olhos. Trazia até uma super-máquina para registar e guardar todos os ângulos deste verde recanto que é o Calvário. Não é por acaso que tudo aqui é verde. Temos intensificado as plantações de verde porque a Esperança, neste significada, é força que nos move. Pois este casal nunca aqui tinha vindo. Para ele tudo era novidade. Em cada recanto, em cada casa, em cada sala, em todos os leitos dava com encanto. E a máquina disparou dezenas de vezes. Perderam-se os dois. Quando sairam, o sol já se havia posto e a noite assumia. E com um «amanhã volto, que há pequenas grandes coisas que não posso perder», este casal partiu. Partiu para voltar hoje como prometeu. E a primeira novidade que me dá é a de que fizeram todo o caminho para o Porto em sagrado silêncio. Nem uma palavra. Foi festa de silêncio.

A mesma realidade pode ser altamente apreciada ou violentamente criticada. Mas só aquilo que é sério se presta a contradições. A banalidade não dá aso a juizos críticos de amplitudes extremas e opostas. Ora o Calvário é uma coisa séria. Por isso ele é sinal de contradição.

Padre Baptista



A beleza da piscina, o arvoredo, o sol, toda a nossa vida — do corpo e da alma — se reflecte, expressivamente, no rosto do «Duque». Feliz. Está no que é seu.

TRIBUNA DE COIMBRA

Passados quase vinte e cinco anos, recordo hoje, sentado na carrinha, na encosta da grande serra, a primeira vez que dois dos nossos vieram vender o jornal O GAIATO a estas terras da Beira Baixa — Covilhã, Fundão e Castelo Branco.

Os dois primeiros vendedores foram o Figueiredo e o Augusto («Pião»). O primeiro destes, o Figueiredo, faleceu há anos, vítima de acidente de motorizada, depois de um dia longo de trabalho. Deixou a esposa e duas filhinhas, uma casa de habitação que lhe tinha exigido horas de muita renúncia e de muito amor, e um rancho infantil que organizara e que amava de todo o coração. O Augusto é funcionário da Caixa Geral de Depósitos em Lisboa; comprou, antes de casar, um andar para habitação própria e, com frequência, nos vem visitar e exige muitas vezes a nossa presença em sua casa.

Na altura foram recebidos pelo bondoso pároco da Covilhã, Padre José Andrade, que Deus já chamou; e em Castelo Branco pelos médicos, doutores Lopes Dias, Oliveira Filho e Alberto Trindade. Os dois primeiros também já o Senhor chamou e conservaram os braços abertos para nos receber até ao fim. É vivo ainda o terceiro, embora muito definhado pela doença causada por atropelos à sua vida de trabalhador apaixonado. Conserva, com a Família, o mesmo amor com que nos acolheu a primeira vez.

Com a nacionalização de empresas de transporte que sempre nos deram passagem, os nossos vendedores ficaram sem transporte. Andaram muito tempo na estrada à boleia, mas tivemos de nos convencer que não era este o nosso caminho, antes que viéssemos a colher o resultado dos caminhos da perdição. Pôs-se na nossa vida o dilema: ou terminar com a venda do jornal, ou utilizarmos transporte próprio, fazendo a venda num só dia.

Andámos algum tempo hesitantes e a solução veio dum dos rapazes mais velhos: «Se o jornal não é tanto para arran-

Continua na QUARTA página

NOTA da QUINZENA

Os versículos finais que lemos nos trechos dos Actos dos Apóstolos e do Evangelho de S. Lucas, na Solenidade da Ascensão do Senhor, não se contradizem, mas dão-nos em ritmo diferente a reacção dos Discípulos à separação do Mestre.

Os Actos apresentam-no-los olhando as alturas, estáticos, até que «dois homens vestidos de branco» os despertam e os transportam da realidade presente à escatológica: «Esse Jesus, que vos foi levado para o Céu, assim é que há-de vir tal como O vistes a caminho do Céu».

O Evangelho sublinha o futuro, experimentado desde já, pela fé, na esperança. Por isso, «depois de se terem prostrado diante de Jesus, os discípulos voltaram para Jerusalém com grande alegria».

No primeiro relato, a natural saudade de homens que se despedem e se separam d'Aquele que amam, mergulha-os em êxtase.

No segundo, a sobrenatural certeza de que o Amado voltará, dinamiza-os: «E estavam continuamente no Templo a bendizer a Deus».

Vivendo assim dez dias de vigília, desabrochou a manhã esplendorosa do Espírito Santo. E da crisálida que aquele «pusillus grex» era, voou a Igreja de Cristo.

x x x

Nunca encontrara Pai Américo neste lugar da Escritura. E foi por este tempo que há 21 anos ele insistiu no anúncio, outras vezes feito, como se quisesse preparar-nos para a separação que poderia vir em qualquer hora e estava, na verdade, iminente: «A minha Obra começa quando eu morrer».

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — Não vem dia ao mundo que o recoveiro dos Pobres fique inactivo! Os problemas ou carências sociais do nosso Povo são ainda tão evidentes que não há tempo de perder tempo, seja a nível oficial ou de voluntário serviço comunitário.

Neste particular, nenhum cidadão válido se pode considerar alheio, sempre que haja quem necessite da sua mão. Sobretudo nos meios rurais, onde é muito grande a percentagem de analfabetismo, nos estratos da população mais carenciados.

Não falta que fazer no interior do País, de norte a sul! Às vezes, os homens mais disponíveis preocupam-se demasiado com a optimização, centrando a sua acção em restrita porção ou, só, na precária solução de determinado problema. São critérios respeitáveis. Todavia, enquanto o panorama se não modificar, e no que toca ao vicentino, ele tem de continuar a ser o que é essencialmente: pau para toda a colher; ou seja, tem de acudir a todas as situações.

Hoje é o dia das Viúvas!

— Que deseja?

— Preciso d'aviar estes *rumédios* na botica...

Puxámos pelos cordões à bolsa dos nossos estimados leitores... São medicamentos indispensáveis.

Uma outra volta ao nosso encontro. Encontros felizes, produtivos. O processo de pensão de sobrevivência começa a andar!

Primeiro, Justiça...

Caso curioso: o marido faleceu na década de 60 e só, agora, pela nossa acção, ela soube dos seus direitos!

— Tenho passado a vida metida naquele buraco...

Há muitas Viúvas deste género, por esse País fora, quanto mais rural for o meio rural; não tenhamos dúvidas.

Reside no extremo da sua freguesia. Lugar bucólico, onde um eremita se encontraria plenamente entre Deus e a Natureza.

— Ó meu senhor a gente está lá metida naquele buraco! *Num* sei *escreber*... A gente *num* sabe destas cousas...

Temos para nós que, neste aspecto, e exactamente para obviar situações deste género, muito se poderia fazer — já que *a Previdência não dá esmolas*. Ao fim de determinado prazo, a Caixa, tendo em seu poder notícia da entidade patronal que o beneficiário faleceu, na ausência de requerimentos de *benefícios* por morte remeteria toda a papelada à Viúva. Cumpriria o seu dever. Prestava Justiça. E os Direitos do Homem — consignados na Constituição — seriam plenamente respeitados.

É uma sugestão que tornaria mais leve, nos próximos anos, o calvário doloroso, silencioso!, de Viúvas *metidas* em *buracos* do nosso País.

PARTILHA — Eis a carta de um vicentino de Lisboa, muito receptivo aos nossos apelos:

«Saúde e Paz na Graça de Deus. Acabo de ler em O GAIATO de 7 do corrente, ontem recebido, o apelo a um «valente» que queira carregar a telha para os Auto-construtores.

Sei que não sou nenhum «valente» nem tenho fumaças disso. Mas isso não elimina a realidade da situação angustiosa daqueles Irmãos.

Como é que um cristão e vicentino poderia ficar cómoda e egoisticamente indiferente? Deus nunca falta aos que n'Ele confiam. Não foi o Senhor Jesus que disse que tudo quanto fizermos aos Irmãos necessitados o considerava como a Ele feito?

Porém, apesar das dificuldades do presente e as incertezas do futuro, resolvi fazer de «valente» e carregar sobre os meus ombros velhos e frágeis a carga de tijolo que pudesse.

Assim, com Fé e Amor a N. S. Jesus Cristo e aos Irmãos aqui vai o cheque (nove contos) *com o pensamento em N. S. de Fátima.*

Agradeço uma prece pelo nosso pobre Portugal e por minhas filhas.»

Prezado Amigo: a sua presença é um alívio; e mais ainda, um incentivo. Deus lhe pague.

Mais 500$00 de uma Anónima, de Fátima. Mais 200$00 de Gaia. Metade da assinante 11162, do Porto. Ramiro: chegaram 297$70 e retribuimos o abraço. Sempre pelos «caminhos do único Amor»! No Espelho da Moda, Margarida deixa ficar 150$00.

Alto! Ouçamos esta presença de Carviçais:

«Venho, por este meio, enviar um donativo destinado aos Pobres mais necessitados da Conferência.

Sou um farrapo humano, que até nem este nome mereço. Peço a caridade das suas orações por um miserável que nunca passará de um zero».

Estes documentos d'alma deixam-nos perplexos. Como as almas são grandes! Tanto maiores quanto mais pequenas se avaliam! Não tenhamos dúvida. O exemplo está no Evangelho.

Agora, vem lá uma Mãe com 50$00 pedindo «a Deus para que meu filho arranje emprego». É uma súplica oportuníssima. São tantos, tantos os jovens — não falemos dos adultos — sem ganha-pão!!

Mais 200$00 da assinante 8492. Águas Santas, metade, sufragando a alma de Maria Alice e João.

Vamos parar novamente. Ouçamos o assinante 9790:

«Junto um cheque de 500$00 que destinarão da maneira que lhes aprouver. E neste 60.º aniversário das Aparições de Fátima, em que pelo elevadíssimo número de Irmãos nossos presentes na Cova da Iria se pressente uma ânsia incontida na busca de Deus, ouso pedir uma oração ao Céu para que a Paz e a Graça desçam com abundância sobre todos nós, do mundo inteiro, e assim com estes dons possamos caminhar sempre na direcção do Senhor.»

Do Porto, mais 200$00 «por alma de minha Mãe e meu Marido». Os melhores sufrágios!

Mais 60$00 do assinante 13305. E metade do n.º 7649, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

VISITANTES — As visitas são frequentes. E, ultimamente, não nos têm faltado. Ora de Escolas, ora de Colégios — tem sido uma enchente.

O tempo tem estado mesmo convidativo e como a nossa avenida é refrescada pela sombra que nos dão as árvores, alguns visitantes já se regalaram por lá a comer o farnel.

Venham sempre. Cá os esperamos!

ANIVERSÁRIOS — Tivemos a lembrança de incluirmos no nosso jornal, mensalmente, os rapazes que fazem anos nesse mês. É mais uma maneira de lhes darmos os parabéns.

Por isso, este mês de Junho estão de parabéns: «Cadete», Miguel, Carlos, «Azeitona», Amândio, Toninho, Germano, «Faneca», «Vieirinha», «Pardal», Agostinho e «Duque».

Os nossos parabéns adiantados!

DESPORTO — No que toca a Desporto temos uma má notícia para vos dar. Numa prova de atletismo — e isto não se admite — passou-se esta linda peripécia:

Os nossos atletas foram convidados a participar. A bonita ideia do Centro Cultural de Lagares deixou-nos entusiasmados e com vontade de aceder. Mas, depois...

Havia vários grupos participantes por idades; até os nossos «Batatinhas» foram correr.

O certo é que fomos lesados no respeitante à classificação.

O «Batalha», que ia em primeiro lugar, foi deitado ao chão por um elemento de Lagares!

Respondeu-lhe com a mesma moeda...

Como não foi a queda que o fez perder, chegou em primeiro lugar. Depois, como o segundo elemento era de Lagares, pelos vistos não souberam perder, desclassificaram assim o nosso atleta para darem a vitória a um deles...

Este facto parece esclarecedor! O Álvaro e o P.e Moura foram logo reclamar a vitória para o nosso lado. Então a Direcção do Centro resolveu cancelar a classificação dos dois elementos. Mas, que o terceiro lugar pertencia a um dos nossos!?

Repetiram a mesma proeza; e para não nos aborrecermos, ficou assim.

Em seguida foi a prova dos mais novos. O nosso «Cebolinha», quase no final, comandava a prova a uma grande distância do segundo. Mas, como o público não gostou, entraram dentro da pista para não o deixarem seguir. O outro passa e acaba por ganhar.

Que é isto?! Não haveria por ali membros responsáveis do Centro para ver o que se passava? Nesse aspecto glória seja para o Centro Cultural de Cete que procedeu da melhor forma.

Quando chegou a altura dos mais velhos, não quiseram participar por causa daquelas peripécias todas.

«Marcelino»

Casamento do Pinho e Ana Maria

Miranda do Corvo

FESTAS — A volta está a findar. Tantas salas cheias!

Gente que não vem ver um espectáculo de artistas consagrados. Nem tão pouco ver uma festa de beneficência em que actuam «coitadinhos que precisam da nossa esmolinha».

Não. Não foi isso que vi em todas as pessoas presentes em cada casa. Vi amor. Sim, amor!

Os rostos sorridentes não eram de quem gosta da actuação como mera actuação ou espectáculo. Havia risos, ou antes, sorrisos de estímulo, expressões humanas que me diziam: — Prá frente. Mostrai a todos quanto sois válidos!

Vi também muito interesse e muita reflexão.

Vi que não foi em vão que nós pensámos em todos quantos assistem e participam nas nossas Festas, quando da preparação e ensaio das mesmas. Valeu a pena!

Estou convencido que, no fim, quando fizermos o balanço, o saldo será positivo.

Há sempre muitas alegrias. Palmadinhas de encorajamento caem com assiduidade nas costas. São um estímulo.

Banquetes fartos e familiares para quem tem um trabalho que cansa. São uma alegria.

Muitos beijos, abraços e palavras de encorajamento e estima. São fraternidade e amor.

Sim. Valeu a pena!

«Vale sempre a pena quando a alma não é pequena.»

Mas também houve muitas dores de cabeça e ainda as há. Lembro-me que no final de uma Festa pensei: — Nunca mais me meto nisto. Está a ser negativo. Os rapazes não aproveitam e parece-me que há irresponsabilidade iminente. A Festa não vale nada. Isto é uma porcaria.

São dor!

Sim, as Festas também custam, mas «quem quer festa sua-lhe a testa». Com alegrias e dores as Festas são uma realidade positiva.

O que pensei no fim dessa tal Festa, invadiu-me o espírito em momento de desânimo. Talvez hoje veja mais claro... ou talvez não...

Bem, o que é certo é que as Festas na essência são um bem; o resto é da responsabilidade daquele que faz o programa e é o motor.

Este ano fui eu!...

«Lita»

O XI Dia Mundial das Comunicações Sociais

22 de Maio, XI Dia Mundial das Comunicações Sociais.

É muito oportuno e salutar transcrever três pontos assinalados na última Carta Pastoral dos Bispos norte-americanos, dada a tremenda responsabilidade dos «mass media» na vida dos povos:

1. Estar profundamente comprometidos numa sincera adesão à verdade;

2. Respeitar as pessoas e procurar não propagar ou inculcar valores falsos ou negativos;

3. Empenhar-se, antes, em promover os valores que podem contribuir decisivamente para a construção de uma sociedade mais humana, tais como a justiça, a caridade e a convicção de que todos os seres humanos têm direito à posse dos bens deste mundo.

Eis a linha de rumo que norteou Pai Américo no lançamento de O GAIATO, em 1944!

Júlio Mendes

Novos Assinantes de «O GAIATO»

«Gostava de ser assinante de O GAIATO — afirma uma leitora de Castro Daire — «mas não sei o seu custo. Pedia a fineza de me informarem e se o posso enviar num vale do correio.»

Cartas deste teor surgem de vez em quando. E não nos podemos furtar às perguntas formuladas.

A assinatura são 60$00 por ano. Tanto o vale do correio, como o cheque, são os melhores canais para arrumar contas.

Continuamos a receber muitos assinantes novos! Alguns, pedindo a inscrição por suas próprias mãos. Como este, de Lisboa:

«Desejo ser assinante de O GAIATO, para o que envio 100$00 pela assinatura anual, que agradeço venha desde o próximo número. Segue em vale postal.

Como nem sempre tenho possibilidades de o comprar à saída da igreja, como até aqui tem acontecido, pois nem sempre posso estar nos locais em que é vendido, assim é certo tê-lo sempre.»

Mais vale um pássaro na mão...

Lavra grande incêndio em Albufeira (Algarve)! Ora ouçam:

«Escreve-lhes a mesma pessoa que, há dias, vos mandou um pedido de vinte jornais, pela assinatura dos quais assumo total responsabilidade. Venho hoje rogar que, além desses vinte, que poderão vir em meu nome próprio ou dirigidos à equipa paroquial, que envieis o jornal pelo correio, em directo, para dois novos assinantes... São duas almas já incendiadas, como eu, de amor pel'O GAIATO.

Vi, no domingo, o documentário da TV sobre Pai Américo, que eu tive a dita de conhecer. Só tive pena que não dessem uma melhor ideia dele, verdadeiro arauto do Evangelho, socialista autêntico que foi, na medida em que denunciou sempre, e antes de outrém, a situação dos Marginalizados.

Que Deus continui a assistir-vos com o Espírito Santo, como creio acontece, tal o fogo que O GAIATO irradia.

Se puderdes, lembrai junto do altar os sete filhos que Deus me deu.»

Mãe de sete filhos, a sua carta é um mundo de Luz! Houvesse ainda mais devotos assim, que os temos, onde iria O GAIATO!

Aí vai, por fim, uma nota sucinta dos novos assinantes inscritos nos últimos dias. As terras, que não as pessoas. É uma grande **procissão!** Figueiros do Cadaval, Rio Tinto, Parede, S. Pedro do Estoril, Loures, Póvoa de Santa Iria. Uma grande série de Aveiro e arredores, outra de Setúbal. Mais Coimbra, Almada, Leiria, Guarda, Seia, Fátima, Melgaço, Águas Santas, Areosa, Ferreiros (Braga), Senhora Aparecida (Lousada), Couto de Cucujães, Valado de Frades, Rinchoa, Lagoa, Viseu, Eirado (Aguiar da Beira), Fafe, Guimarães, Soutelo (Vila do Conde), Amora, Paço de Arcos, Vila Nova de Gaia, Pedrouços (Areosa), Ílhavo, Turcifal (Torres Vedras), Macedo de Cavaleiros e Vinhais.

Júlio Mendes

Nota da Quinzena

Cont. da 1.ª pág.

Foi a lição do Mestre. Como não havia de ser a do discípulo?!

Jesus voltou para o Pai, mas não nos deixou sós. Foi para que viesse o Espírito que o Pai e Ele haviam de enviar. E como a alma se esconde no corpo e o vivifica, assim o Espírito é a Alma do grande Corpo que é a Igreja. Corpo constituído pelos homens. Corpo que aos homens compete sustentar e engrandecer. Corpo, cuja Cabeça se não vê, mas é. É mesmo «Aquele que é», mas como que Se ausenta para que os homens sejam e façam como sua a Obra que d'Ele é.

Assim concebeu Pai Américo o seu papel. Por isso sempre rejeitou a atribuição que os homens lhe faziam da Obra que em suas mãos sacerdotais nasceu. E acreditou que o Senhor dela, o Eterno Vivente, que parece não estar e sempre está presente em todo o acto de salvação, velaria e providenciaria pelo tempo em fora, como o fizera desde a gestação. Amadurecido na Humildade, ao invés de se supor necessário, sabia que a sua ausência era conveniente ao esclarecimento da Autoria autêntica do que, a olhos superficiais, poderia parecer ele o autor. Daí que «a minha Obra começa quando eu morrer». Começou a uma luz mais pura de Fé, da Fé que o transfigurou e o fez fecundo e vitorioso sobre o mundo e as suas leis relativas e caducas.

Também nós ficámos paralizados ao vê-lo partir. Olhando longe, tremíamos: — E agora?

E agora, celebramos em alegria a sua ida para o Pai. Longe da vista, que não do coração, a certeza da sua vigilância intercessora, o nosso esforço de fidelidade ao espírito em que nos formou, fazem-nos experimentar o bafo que ele também sentiu nas horas cruciais em que a humana fragilidade geme e ameaça sucumbir.

Importante é que, como para ele e os Discípulos daquele tempo, a forma da nossa vida seja «bendizer continuamente a Deus».

Padre Carlos

Grilos

Lembro-me de quando era miúdo e andava na escola, que os recreios estavam sujeitos a ondas. Era o pião, o botão, o berlinde, etc. Cada onda tinha o seu tempo de imperar, depois morria e desaparecia. Acontecia estarem, por exemplo, os piões largo tempo pendurados à porta das lojas sem que nenhuma criança olhasse para eles, como se todos desconhecessem a utilidade daqueles pedaços de madeira, com um bico de ferro na ponta. De repente alguém se lembrava de levar um pião para a escola e começava a onda do dito. Todos os tostões disponíveis eram guardados para comprar piões. As aulas pareciam maiores porque se esperava o toque da sineta para que cada um corresse à disputa de «aferroados» jogos de pião. Era um tal amor a esta actividade que se pensaria que nunca mais se deixaria de querer tal brincadeira. Pois não era assim. Passado algum tempo, de repente, como tinha começado, a onda do pião morria e estes eram esquecidos em qualquer canto.

O que aconteceia então, vejo eu agora aqui na Casa do Gaiato. Também estas ondas se sucedem. São os carros de ladeira, são os carros de arame, os arcos, os pardais e a que está agora em plena época: os grilos.

Aproximava-se o tempo deles e já o nosso chefe-maioral me dizia:

— Os grilos estão a aparecer e com eles os problemas. Na cegueira de os procurar, pisam culturas e vão para onde não devem. Depois tenho que estar sempre a chamá-los à pedra.

Parece que até esta hora não tem havido, a este respeito, problemas de maior e queira Deus que assim continui.

Os homens vivem uns em palácios, outros em solares, vivendas, andares de prédios e infelizmente muitos outros em casebres, barracas ou ainda menos do que isto e apenas se abrigam debaixo de uma ponte ou descansam num banco de jardim... Também os grilos nas mãos dos nossos rapazes são uns mais favorecidos que outros, consoante as possibilidades ou imaginação dos seus donos. Uns não têm mais que um saquito de plástico, inconfortável; outros, lata velha com tecto de papel furado; outros, latas mais folclóricas e alegres; e alguns bonitas caixas de cartão. Uma vi eu com vários apartamentos independentes e em cada um, um grilo cantor. Estes grilos enquanto andavam no campo não pensariam vir a usufruir de tal luxo. Vim a saber que os habitantes anteriores de tais apartamentos foram pincéis de barba.

Pois bem, um dia destes ao acordar, vejo um grilo junto da minha cama e pensei que ia fazer com ele um figurão sem ter corrido o risco de pisar o que não devia. Agarrei nele, saí, e vaidoso mostrei-o, mas a reacção que encontrei não me deixou muito animado:

— Esse é foleiro, não presta porque não tem asas. Só os grilos com asas é que cantam.

Os leitores que não saibam ficam elucidados e escusam de passar pelo enxovalho que eu passei! Realmente pude verificar que os grilos bons, aqueles que dão honra a quem os tem, são os que têm asas e enfeitam o ar com os seus «gri-gri».

Pois parece-me que estas ondas de ternura por qualquer brincadeira são saudáveis para quem cresce para a vida. É certo que são amores efémeros, mas podem ajudar a caminhar para amores mais estáveis e construtivos. Quem dera!

Padre Abel

RETALHOS DE VIDA

O «Campeã»

Vou contar um pouco da minha vida. Não me recordo de tudo, mas de alguma coisa.

Sou natural de Campeã (Vila Real), onde nasci em 20/9/59.

Somos nove irmãos. Na Casa do Gaiato só me encontro eu. Quatro rapazes e quatro raparigas estão com a minha mãe.

Vim para a Casa do Gaiato há cerca de oito anos. E o motivo foi o seguinte:

A minha mãe teve-me em solteira. Com ela estive até aos cinco anos. Depois, casou com um homem, perto de minha casa. Nos primeiros tempos, ele era meu amigo. A seguir já nem me queria em casa. Dizia à minha mãe que não era filho dele. Então, os meus avós chegaram a saber e foram-me buscar. Fiquei na sua companhia. Mas eu era um pouco vadio! Fugia sempre às aulas. Só queria brincadeira. Não pensava noutra coisa! E mais: no tempo da fruta, as pessoas tinham de pôr polícias em cada pomar, porque nem ia comer a casa; não porque me faltasse de comer, mas não ligava nada a isso.

A minha avó levava-me à escola, entregava-me à professora e dizia: — Se ele fugir dê-lhe uma sova!

Estava ali até chegar o intervalo. Após o que mais ninguém me via! Fugia para as matas à procura de ninhos, até ao meio-dia. Antes, levava os livros a casa, mas nem comia. Se a minha avó estivesse, desaparecia logo. Se não, ia ao açúcar. Mas, às vezes, tinha quatro quilos e não ficava nenhum! Era para mim e para os meus colegas...

Entretanto, morre o meu avô. Depois, estou cinco anos com a minha avó. Ela adoece. Não me pode ter na sua companhia. E o pároco da minha freguesia procura levar-me para qualquer lado. Andou assim um tempo. Sempre ouviu dizer que perto da cidade do Porto havia a Casa do Gaiato... Arranjou a saber, escreveu uma carta e vim para esta Casa.

A minha avó faleceu dois anos depois, já muito velha, tinha à beira de noventa.

Assim vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde comecei logo a trabalhar nas galinhas. Estive, ainda, na lavoura, durante sete anos: horta e vacaria.

Quando fiz a quarta classe da Instrução Primária pedi para ser alfaiate, em cuja oficina me encontro.

Frequento, agora, o primeiro ano do Ciclo Preparatório TV. E estou muito contente na Casa do Gaiato.

Um grande abraço para os caros amigos leitores, do

Hermínio dos Anjos Martins («Campeã»)

Matança dos INOCENTES

Recebemos, de mão amiga, o poema de Pinho da Silva «Escuta, minha mãe», **grito** lancinante de milhões de Vítimas da «moderna e mundial matança dos Inocentes estilo século XX».

O GAIATO, voz dos sem-voz e até porta-voz de uma Obra que acolhe muitos daqueles que conseguiram safar-se da matança — pela força das próprias Mães, apesar de vítimas da fraqueza ou da miséria moral e social do País — O GAIATO, repetimos, não poderia deixar de transcrever o soneto. Aí vai, tal qual o poeta escreveu:

ESCUTA, MINHA MÃE

Posso não ser menino, mas sou vida!
Sou vida que começa, por meu mal!
Tem piedade, tem, minha mãe querida,
Não sejas assassina pré-natal!

Matar, a Deus pertence, minha mãe,
E eu não quero morrer!... Que mal te fiz?!
Antes não ser gerado!... Antes, também,
Não fosses tu gerada, ó infeliz!...

Escrito, e claro está: «Não matarás»,
E Moisés legislou acerca do aborto 1
(Se abrires a tua Bíblia, lá verás!)

Esta coisa, portanto, tal qual é,
Pelo teu querer será teu filho morto!!!
Minha mãe, minha mãe... tu não tens fé!...

1) Êxodo, 21-22,25

O **grito** dos Inocentes — pela voz do poeta — dirige-se às mães. E compreende-se. É no seio delas que somos gerados. Mas os esposos... têm uma quota-parte de responsabilidade — quando não toda — nestes crimes sofisticados. E os políticos também!...

Agora, que se procura insistentemente oficializar, em nosso País, um crime de todos os dias, de todos os tempos, um crime de lesa-Humanidade — oh lei iníqua, paradoxalmente anti-lei! — os Pais conscientes e responsáveis tomem posição. É sua missão defender a vida em todo o lado. Como? Pelos canais ao nosso alcance. Sem descurar, é evidente, a preparação moral dos próprios descendentes.

Júlio Mendes

Hora de Esperança

«Tudo quanto seja regresso a Nazaré é progresso social cristão».
(PAI AMÉRICO)

Fora duma concepção cristã do Homem — sua origem, missão e destino — não me parece fácil entender-se toda a profundidade e dinamismo desta síntese programática de Pai Américo como resposta aos problemas humanos que afligiram e afligem a comunidade portuguesa e a Humanidade em geral. Se bem que Pai Américo tivesse feito esta afirmação relativamente à instituição familiar, julgo poder fazer dela uma leitura mais larga, em ordem à realização de uma sociedade mais justa.

Embora, quase unanimemente se reconheça que «tudo quanto existe sobre a Terra deve ser ordenado em função do Homem como seu centro e seu termo» (G. S. 21), na concretização desta procura seguem-se os mais variados caminhos, por vezes opostos, conforme as ideologias e os poderes de que estas dispõem para imposição das suas soluções — e tudo em nome dos Direitos fundamentais do Homem.

Para o cristão, o Homem é «imagem de Deus», que o criou Homem e Mulher, o que o torna «por exigência profunda da sua natureza, um ser social que não pode viver nem desenvolver as suas qualidades à margem das relações com os outros». (G. S. 12) Esta exigência exterioriza-se e desenvolve-se no labor diário e na relação com os Outros, relação que, sendo humana, também é transcendente, pois a vocação ao amor inter-pessoal é à imagem do Amor Trinitário, o que dá rumo novo ao processamento do Bem-comum, não em lutas classistas ou imposições totalitárias, mas sim em comunhão, isto é, em Caridade.

Assim o entenderam e viveram os primeiros cristãos e atingiram esta meta: «A multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuia; mas tudo entre eles era comum. Com grande coragem, os Apóstolos davam testemunho da Ressurreição de Jesus. Em todos eles era grande a Graça. Nem havia entre eles nenhum necessitado porque todos os que possuiam terras ou casas vendiam-nas e traziam o preço do que tinham vendido e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade» (Act. 4, 32-35).

Esta dinâmica cristã do amor fraterno, vivida livremente na Fé e comunhão total de corações e bens — no Amor-Justiça — é a meta desejada, a que todos temos, conscientemente de nos lançar, nesta hora dura e de Esperança que vivemos.

O ponto de partida continua a ser o Dom que Deus fez ao entregar a Terra ao homem para que ele dela tire tudo o que precisa, não só para seu bem-estar mas para o de todos os homens. Ao desviar a posse deste bem-comum para o particular, o homem desvia-se da meta e implanta o reino da injustiça e com ela faz cair sobre os que marginaliza toda a gama de dor, miséria e opressão que, mais dia menos dia, os atingirá também.

A nós, cristãos, cabe uma resposta bem concreta nesta luta para reposição da justiça, dando o testemunho de «um só coração e uma só alma». Para tal, basta lembrar-nos que o muito ou pouco que temos nos veio de Deus, que é Pai de todos; e que, tirando o que nos é necessário, tudo o mais é património de todos, mormente dos Pobres.

Padre Abraão

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da PRIMEIRA página

jarmos dinheiro, mas sim um mensageiro de doutrina, devemos continuar, embora exija de nós mais esforço, pois aquela zona das Beiras é muito acolhedora e receptiva. Temos por lá muitos Amigos. Vejamos o carinho com que os vendedores são recebidos. Olhemos o ambiente que rodeia as nossas Festas».

Com este testemunho de um que foi muitos anos vendedor e também dá testemunho do amor com que sempre foi recebido decidimo-nos e, de quinze em quinze dias, a nossa carrinha parte manhãzinha cedo de casa e faz a primeira paragem em Castelo Branco a deixar dois, a segunda paragem no Fundão a deixar um, a terceira em Tortozendo a deixar outro e vai parar na Covilhã com os dois últimos. Ao fim do dia regressa pelo mesmo caminho, só com uma diferença: de manhã a viagem foi silenciosa, mas a viagem de regresso é cheia de vida de cada um a dizer como o dia foi e mostrando os mimos que lhes deram.

O condutor nas primeiras viagens tenho sido eu, à falta de outro disponível. Estaciono na Covilhã e fico-me na carrinha. Rezo. Dormito. Leio. Escrevo. À hora de almoço vou ao Centro que sempre encontrámos de portas abertas, com braços estendidos. No fim do almoço regresso ao programa da manhã até retomar mais as quatro horas de viagem.

Atenção, pois, queridos Amigos destas terras, especialmente aos que encontravam O GAIATO à porta das igrejas. A venda passou a ser só num dia de semana. E foi e é a vossa amizade a grande causa que nos obriga a este dia.

Padre Horácio

FESTAS

Respondemos, desde já, com certeza, aos inúmeros telefonemas e cartas que chegam, perguntando quando nos encontraremos no MONUMENTAL. Será no próximo dia 19 de Junho (domingo), às 11 horas da manhã.

Enquanto a Comunidade de Miranda do Corvo fecha a sua «tournée» por terras do Centro, intensificamos aqui, no Tojal, os preparativos para a Festa em Lisboa.

Obedecendo à tradição, será um encontro como os anteriores. Um reafirmar de sentimentos, de manifestações de amizade recíproca. O vosso carinho é evidente! E, a atestar isso tudo, salas esgotadas.

Da nossa parte, trabalhamos com enorme alegria interior. O sentido da responsabilidade e a ânsia de cada um fazer bem o seu papel levam-nos a esquecer todo o esforço que isso comporta. E largamente compensado, em todo o sentido.

Segundo as nossas capacidades, procuramos fazer o melhor possível, de modo que fique no vosso espírito qualquer coisa que se identifique num misto de alegria e meditação. Este o nosso objectivo, o nosso programa.

Como já dissemos, a Festa está marcada para o dia 19 de Junho (domingo), às 11 horas da manhã, no MONUMENTAL.

O dia e, sobretudo, a hora não serão muito cómodos. Foi a possibilidade que conseguimos sem, de modo nenhum, alterarmos a actividade normal da sala de espectáculos.

Resta-nos indicar os locais onde os bilhetes se encontram à venda: Franco Gravador, rua da Vitória, 40; Montepio Geral; e Ourivesaria 13, rua da Palma, 13 — Lisboa.

Jorge

Setúbal manda-nos também notícias de última hora. Vai haver Festa nas suas terras de mais antiga tradição: Setúbal, Palmela e Quinta do Anjo.

Ora tomem, desde já, muita atenção:

19 de Junho — MONUMENTAL, Lisboa 11 h.)
24 » » — Cine-Teatro Luisa Todi SETÚBAL (21,30 h.)
25 » » — Soc. Filarmónica Palmelense «Os Loureiros» — PALMELA (21 h.)
26 » » — Soc. de Instrução Musical da QUINTA DO ANJO (21 h.)

Bilhetes à venda nas bilheteiras

Gaiato
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa